

Materialismo Histórico e Método de Pesquisa: Uma Proposta de Revisão de Literatura

Historical Materialism and Research Method: a Proposal of Literature Review

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes^{a*}; Maria Fátima de Melo Toledo^a

^aUniversidade de Taubaté, Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, SP, Brasil

*E-mail: nilsenmarcondes@gmail.com

Resumo

O Materialismo Histórico de Marx tem se apresentado enquanto perspectiva e desafio para os profissionais que buscam, na atualidade, inspirações no pensamento deste autor. Diversos estudiosos, com espírito crítico e consciência democrática, lutam para manter atualizadas tais contribuições. Dessa forma, o ideário de Marx poderá permanecer incorporado como fermento à reflexão e atuação daqueles que desejam desenvolver, aprofundar e enriquecer o Materialismo Histórico. No contexto contemporâneo, particularmente dentro das ciências sociais aplicadas, assiste-se a um florescer de perspectivas de investigação da realidade e o Materialismo Histórico, na medida em que se atualiza na história e se abre a esse diálogo, permanece como forte referencial analítico. Nessa direção, essa revisão de literatura traz breve síntese da vida intelectual de Marx, reflexões introdutórias sobre aplicação prática do Materialismo Histórico e considerações finais.

Palavras-chave: Marx. Materialismo Histórico. Referencial Analítico. Método de Pesquisa.

Abstract

Historical Materialism by Karl Marx has been presented as a perspective and challenge for professionals who search inspiration on this author's thinking nowadays. Several scholars with critical and democratic consciousness struggle to keep such contributions updated. Thereby, Marx's ideas may remain embedded as leaven for thought and action of those who wish to develop, deepen and enrich Historical Materialism. In the contemporary context, particularly in applied social sciences, we have been witnessing the flowering of perspectives of reality research and Historical Materialism, as it is updated in History and open to this dialogue, remains as strong analytic framework. In this direction, this literature review provides a brief overview of Marx's intellectual life, introductory thinking on practical application of Historical Materialism and final remarks.

Keywords: Marx. Historical Materialism. Analytic Framework. Research Method.

1 Introdução

A vocação de interpretação e crítica, comumente denominada vocação socrática, que as Teorias em Ciências Sociais possuem, faz com que a cientificidade encontre-se permanentemente emoldurada pela história e pelo progresso do pensamento, sendo ambas as realidades responsáveis por acentuar tal vocação das Teorias e direcionar novos rumos da Ciência (PEREIRA, 1990).

A busca de interconexão para a explicação da realidade social também se apresenta como exigência e necessidade nos dias atuais, o que justifica a importância de tematizar continuamente o assunto na intenção de colocar a questão da produção de conhecimentos sempre em pauta como objeto de reflexão.

Quando se deseja refletir sobre questões intrínsecas a uma determinada teoria, coloca-se para o pesquisador a necessidade de assumir uma postura de contínuo reconhecimento e respeito diante das diferenças e especificidades existentes nos diversos paradigmas que se propõem a construir, reconstruir e compreender a realidade.

Acredita-se ser extremamente saudável manter uma postura de tolerância respeitosa face ao reconhecimento de que

existem diversas teorias e que em todas elas estão presentes limitações que lhes são inerentes. Considera-se ainda, nessa multiplicidade de teorias, a existência de preciosas e valiosas indicações de compreensão do objeto de estudo em todas elas. “Ser criativo é poder incorporar a novidade não só da realidade, mas a novidade de autores que vêm de outras teorias, mas que fornecem instrumentos importantes para as incorporações de modos e ângulos diferentes de olhar” (BARREIRA, 1992, p.82).

Em especial, no que tange às limitações, reafirma-se o entendimento de que as mesmas apontam para uma necessidade de complementação. As limitações no alcance do desvelamento da realidade levam o pesquisador a compreender que inexiste teoria completa, perfeita ou ainda que possa existir alguma que se sobreponha às outras. Uma única teoria não é capaz de atingir todas as nuances com que se apresenta a realidade estudada.

É relevante considerar que no desvelamento de uma teoria, qualquer que seja ela, é preciso estar acompanhado pela consciência de que teoria não é processo pronto, fechado e acabado. E, ainda, parte-se do pressuposto de que toda teoria tem sua parcela de contributo a oferecer. E isso se justifica

pelo fato de que a totalidade da realidade somente pode ser apreendida sob diferentes enfoques e perspectivas, que em si são complementares (BARREIRA, 1992; CARVALHO, 1992).

Desconsiderar a existência da complementaridade existente entre os diversos paradigmas atuais significa incorrer-se ao risco de cair numa atitude hipertrófica de fundamentação teórica, na medida em que se respalda numa análise unilateral da realidade pesquisada.

Com isso, não se quer dizer que os inúmeros modelos analítico-explicativos devam se submeter a um só modelo ou que se deva assumir um puro e simples ecletismo ou dogmatismo no campo teórico. Muito pelo contrário, defende-se a necessidade vital da existência de diversas vertentes explicativas capazes de focalizar em suas análises, os múltiplos aspectos da realidade social e que se apresenta em constante transformação e movimento (CARVALHO, 1992).

No plano da reflexão, assim como no plano da prática do ensino, da pesquisa e da intervenção social, é necessário manter a mesma postura de abertura ao novo, ao diferente. E essa abertura ocorre em maior ou menor intensidade de acordo com o grau de amadurecimento profissional em que se encontra o pesquisador, ou aquela determinada ciência ou determinada área de saber. Além disso, tal abertura é também importante porque “a construção da ciência é um processo cumulativo no qual as teorias científicas vão sendo superadas e aperfeiçoadas” (PEREIRA, 1990, p.48).

2 Desenvolvimento

2.1 Compreendendo o Materialismo Histórico a partir do pensamento de Marx

Segundo Gadotti (1991, p.47), alguns estudiosos acenam que o Materialismo Histórico, representa “uma teoria da revolução aplicada à análise do capitalismo” outros afirmam que “é uma filosofia que analisa a Economia”. Essa diversidade conceitual demonstra o quanto a obra de Marx é complexa. Acrescenta-se a isso, o fato desse paradigma, desde sua origem sempre ter sido alvo de vetores críticos, o que é natural afinal “na tradição filosófica, para toda a fundamentação argumentativa, há sempre uma contraposição rigorosa” (SARMENTO, 2011, p.216). Entretanto, não obstante a sua complexidade, a teoria de Marx foi a base declarada da metade das economias nacionais do século XX, pois, trata-se de um sistema inexorável, para quem estuda Economia, Sociologia, História e outras áreas do conhecimento (SOUZA; SECCO, 2009).

Marx não se preocupava unicamente com o desenvolvimento da ciência nos seus aspectos econômicos, seu desejo também consistia em apresentar indicativos que pudessem contribuir com alterações no campo político, econômico e social. Destaca-se que “a Economia passou a ser motivo das preocupações do jovem Marx pelo menos desde 1843” (SOUZA; SECCO, 2009, p.21).

As dimensões revolucionárias e de efetiva ação política, foram constantes nas suas obras. De acordo com Gouvêa

(1991), a ideia de progresso está muito presente no pensamento de Marx. O Materialismo Histórico apresenta-se como um importante instrumento que respalda a investigação científica na área de ciências sociais aplicadas, quando se deseja refletir sobre o contexto societário, enquanto um emaranhado de relações dinâmicas e relacionadas entre si.

Conforme Gadotti (1991, p.9): “costuma-se dizer que, sob certos aspectos, a vida em sociedade se assemelha a um campo minado, que só pode ser atravessado com segurança com a ajuda de um instrumento que detecte as bombas enterradas”. Nesse sentido, “o pensamento de Marx permanece não apenas acurado, como cada vez mais atual” (SOUZA; SECCO, 2009, p.7).

Pautando-se no pensamento social francês, na filosofia clássica alemã e na economia política inglesa, o jovem Marx foi desenvolvendo seu pensamento progressista distante da possibilidade de formular respostas para as problemáticas do capitalismo, mas sim desejoso de contribuir com as alterações de ordem social. Apropriava-se também do método dialético da filosofia de Hegel, que fora por ele reformulado (BORCHARDT, 1982; GADOTTI, 1991; KONDER, 1981a; PAULA, 1992; SETUBAL, 1991).

Portanto, a primeira atitude de Marx para a construção do Materialismo Histórico, foi colocar-se diante da filosofia de Hegel e estudá-la criticamente. Nessa direção, o conceito de dialética proposto por Hegel foi tomado por Marx e aplicado por ele de forma peculiar, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de seu pensamento e para a fundamentação do seu método dialético e histórico (ARON, 2008; GADOTTI, 1991; PAULA, 1992; SETUBAL, 1991).

Para Gadotti (1991, p.59):

Marx substituiu a concepção de Hegel de que tudo se origina no pensamento, como se as ideias nada tivessem a ver com a natureza, como se tudo já estivesse pronto nas ideias e os acontecimentos não fossem produto conjunto dos processos econômicos, políticos e culturais. Para Marx, o mundo é da forma que é devido à ação transformadora do homem, através do trabalho.

Konder (1981b), ao se reportar a Hegel, afirma que a dialética, dentro de uma concepção abstrata, possui três sentidos diferentes, representa ao mesmo tempo “a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior” (KONDER, 1981b, p.154). Hegel considerava o trabalho intelectual como mola que impulsiona o desenvolvimento humano, entretanto não dava a mesma importância para o trabalho físico e material.

Essa concepção abstrata do trabalho levava Hegel a fixar sua atenção exclusivamente na criatividade do trabalho, ignorando o lado negativo dele, as deformações a que era submetido em sua realização material, social. Por isso Hegel não foi capaz de analisar seriamente os problemas ligados à *alienação do trabalho* nas sociedades divididas em classes sociais [...] (KONDER, 1981b, p.155).

Uma segunda atitude de Marx foi voltar-se à teorização do pensamento socialista francês do século XIX. Marx elogiava

o pioneirismo de autores franceses como Claude Henri Saint Simon, Charles Fourier devido posicionamento que assumiam como críticos contrários ao ideário defendido pela sociedade burguesa (ARON, 2008; GADOTTI, 1991; PAULA, 1992; SOUZA; SECCO, 2009).

Por fim, Marx debruçou-se sobre as obras dos economistas clássicos ingleses, em especial Adam Smith, David Ricardo, mas também Benjamin Franklin, e foram tais estudos que deram origem a maior parte de seus escritos, dentre eles *O Capital* (ARON, 2008; BORCHARDT, 1982; GADOTTI, 1991; PAULA, 1992; SOUZA; SECCO, 2009). É importante considerar que apesar da ênfase dada em seus estudos sobre economia, Marx também se voltou para a filosofia, antropologia, línguas, história e literatura política.

A obra de Marx representa um imenso trabalho intelectual. Tudo o que a Ciência Econômica tinha realizado antes dele lhe era familiar, e ele a enriqueceu enormemente com as suas pesquisas pessoais; todos os problemas de Economia foram reestudados por ele, e foram justamente os mais difíceis entre eles que receberam soluções novas (BORCHARDT, 1982, p.11).

Marx se opunha ao ponto de vista histórico adotado pelos economistas clássicos que se pautavam na visão de economia atrelada a leis eternas, enquanto que ele por sua vez defendia que os modos de produção anteriores é que originavam a economia que se instalaria no período seguinte (ARON, 2008).

Entretanto, não obstante a essa oposição de Marx tanto no que se refere à filosofia, quanto na economia defendida por esses autores, ele parte justamente deles e das contribuições que eles trouxeram para a construção do conhecimento, para posteriormente desenvolver seu referencial teórico-metodológico que sustentaria o Materialismo Histórico (PAULA, 1992).

E assim, “sempre de forma crítica, polêmica, às vezes irreverente e contextualizada, avançou o pensamento de Marx” (SETUBAL, 1991, p.115). Portanto, percebe-se que “Marx não fez tábua rasa do conhecimento existente, mas partiu criticamente dele” (PAULO NETTO, 2011, p.18).

É importante considerar também que essa postura crítica que Marx assume frente à realidade, é resultado de uma herança cultural de que era legatário. Não se trata de uma visão vulgar de crítica, de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou distinguir nele o bom do mal (PAULO NETTO, 2011).

Em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais [...] Avançando criticamente a partir do conhecimento acumulado, Marx empreendeu a análise da sociedade burguesa com o objetivo de descobrir sua estrutura e a sua dinâmica (PAULO NETTO, 2011, p.18-19).

De acordo com Paulo Netto (2011) o Materialismo Histórico não resulta de descobertas abruptas ou de intuições geniais, mas da demorada investigação, pois, só depois de

quase 15 anos de pesquisa é que Marx formula com precisão os elementos centrais de seu método. Konder (1981a) afirma que Marx tinha clara consciência de que seu método de investigação não podia fazer concorrência a qualquer *bola de cristal*. Ele sabia que uma concepção da história, por mais científica que seja, pode prever a direção necessária em que os homens caminharão para poderem solucionar as grandes contradições sociais com que se defrontam em uma determinada fase, mas não pode prever as circunstâncias particulares que hão de caracterizar todos os acontecimentos do processo histórico.

Paulo Netto (2011), afirma que a teoria é considerada como uma modalidade peculiar de conhecimento dentre tantas outras formas de conhecer a realidade. Entretanto, considera que sua distinção e especificidade se situam no fato de que, conhecimento teórico é conhecimento do objeto, de sua estrutura e dinâmica, tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, aspirações e representações do pesquisador.

O Materialismo Histórico possui uma ideia filosófica fundamental, podendo ser sintetizada nos pensamentos de Heráclito ao defender que a realidade em todos os seus aspectos encontra-se em um constante movimento. Sendo assim, parte-se do princípio de que nada é definitivo, nada é estático. Nesta direção considera, portanto, que tudo o que existe ao redor do homem apresenta-se num intermitente movimento, num permanente processo dialético, em sucessivas etapas de superação (PAULA, 1992).

Portanto, para Marx, as etapas históricas se apresentam em contínuo aperfeiçoamento, sendo que “o motor desse movimento é a contradição que existe em tudo: fenômenos, coisas ou processos” (GADOTTI, 1991, p.56). Dessa forma, Marx reforça suas considerações compreendendo que teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador, é o real reproduzido e interpretado no plano ideal do pensamento (PAULO NETTO, 2011).

Segundo Barroco (2007, p.15-16):

Por sua radicalidade histórico-crítica, a Teoria Social de Marx [...] interessa a quem concebe a história como um campo de possibilidades abertas – não apenas à barbárie, à desumanização, à reificação do presente –, mas, sobretudo, aos projetos coletivos que apostam na criação de uma nova sociedade, onde a liberdade possa ser vivida, em todas as suas potencialidades.

Gadotti (1991) defende que a contradição, responsável pelo movimento, não é simples oposição entre preto e branco, é mais que isso, a contradição faz com que tudo sofra mudanças profundas. Trazendo à lembrança o exemplo da semente dado por Hegel, Gadotti (1991) afirma que ela se torna planta por força da contradição interna porque isso é condição para que continue vivendo, a semente precisa transformar-se, negar-se como semente para realizar-se na árvore.

Marx vê a realidade como um conjunto de relações, no qual tudo se relaciona a tudo, sendo que aprendeu de Hegel que as coisas estão em constante movimento transformador.

Entretanto, para Hegel, esse movimento do real existia apenas nas ideias. Marx, ao contrário, entendia que ao longo da história, o movimento sempre cria algo novo e que os seres humanos relacionando-se uns com os outros, estão em perpétua mudança (GADOTTI, 1991).

Para Konder (1981a, p.66)

De acordo com Marx [...] o indivíduo não deve ser concebido fora do quadro das suas relações com os outros indivíduos [...] fora da vida social. E a vida social é eminentemente prática. Os homens existem em constante atividade. Dentro dos limites estabelecidos pelas circunstâncias novas que lhes convém. “As circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias”. O ser humano [...] existe em [...] contínua interação ativa no mundo. O processo de conhecimento só pode ser [...] entendido [...] quando relacionado com esta contínua intervenção ativa dos homens no mundo. Não é verdade que exista de um lado o mundo e de outro a consciência.

O Materialismo Histórico foca sua lente interpretativa da realidade na explicação das transformações e apresenta-se como um desafio intelectual, pois, defende a importância de se investigar a raiz daquela realidade que se coloca ao pesquisador e a necessidade de contextualizá-la no âmbito macro da sociedade, pois somente assim o conhecimento construído adquire relevância científica. Isso significa que as investigações devem buscar as mais completas e seguras informações que se possa obter a respeito do objeto de pesquisa (KONDER, 1981a).

De acordo com Setubal (1991), Marx enquanto pesquisador e pensador é considerado como essencialmente dialético e crítico, tendo criado inovadoras formas de investigar o contexto em que se vive. Entretanto, o próprio Marx reconhece que uma postura baseada somente na crítica, por si só, não transforma e nem altera as estruturas de uma dada realidade porque segundo ele, é a defesa da prática reconhecida como importante mediadora é que é capaz de trazer modificações à realidade.

Mediante tais pressupostos, Marx evidencia os limites inerentes a qualquer que seja a Teoria ao mesmo tempo em que questiona a sua validade, significância e inoperância, quando não acolhida e aceita pelo homem (SETUBAL, 1991).

Marx, não admite que a Teoria seja vista de forma asséptica, deslocada da realidade concreta. Para ele, a Teoria nunca é neutra, pura; ela está ligada a interesses políticos e econômicos porque existe relação entre teoria e prática. E ainda Marx não supervalorizou a prática negando a teoria, pois entendia que, sempre provisória, a verdade é alcançada por meio da prática e da reflexão teórica sobre essa prática (GADOTTI, 1991).

Para Konder (1981a), Marx não aceitava que a reflexão teórica fosse atividade sem ligação com a prática reduzindo a consciência a um mero produto passivo de condições exteriores. Para ele, o conhecimento é um momento necessário da transformação do mundo pelo homem e da transformação do homem por ele mesmo. A tarefa de interpretar o mundo faz parte da tarefa maior de modificá-lo.

Pontes (1989), referindo-se ao Materialismo Histórico, acena que Marx enfatizou que o concreto não está dado na imediatez do real, nem no plano fenomênico, da faticidade o concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações e aparece como resultado, não como ponto de partida.

Portanto, ao se respaldar por tal referencial analítico, não se deve assumir postura de construção de conhecimento partindo unicamente da ideia de que o papel da consciência se limite ao recolhimento e à interpretação de elementos provenientes do mundo exterior porque a validade do conhecimento não pode ser medida em um plano puramente teórico, que se abstraia completamente da vida prática (KONDER, 1981a).

A passagem da totalidade simples para a totalidade complexa, ou a passagem do abstrato ao concreto, é a passagem da concretização sucessiva das várias instâncias desta realidade. O abstrato não é o contrário do concreto. O abstrato é o momento do concreto. O abstrato é o concreto simplificado, é o concreto colocado em sua realidade mais simplificada. Marx vai dizer [...] assim: o concreto é concreto porque é unidade do diverso, porque é síntese de muitas determinações [...] onde o concreto é o abstrato que se desdobrou, que se enriqueceu, que se transformou ao longo de sua exposição no mundo (PAULA, 1992, p.39).

Pautando-se no Materialismo Histórico, ao se buscar o conhecimento sobre determinado objeto, realidade ou sujeito tem-se clareza de que encerram em si muito mais complexidade e riqueza de informações do que aquilo que se pode apreender pela via do conhecimento (PONTES, 1989). E isso porque “as aparências das coisas nem sempre correspondem à sua realidade” (BORCHARDT, 1982, p.194).

[...] enquanto as condições nas quais o marxismo se debruçou permanecerem [ou seja, enquanto existir o capitalismo], o marxismo continuará sendo o instrumento analítico mais adequado, mais poderoso, mais abrangente, mais percuciente para revelar esse mundo [...] O objeto do marxismo é a análise da realidade capitalista. Enquanto a realidade capitalista existir, nas suas formas, nas suas conseqüências, o marxismo continuará sendo o mais importante instrumento analítico de intervenção (PAULA, 1992, p.20).

E ainda outro aspecto relevante com relação ao Materialismo Histórico é compreender que ele também fornece subsídios teóricos para compreensão de outras realidades que não o sistema capitalista, como por exemplo, a sociedade feudal com sua realidade econômica e política que lhe é própria. Isso é possível na medida em que tal referencial analítico se propõe a estudar:

[...] as realidades sociais, diacrônicas [...] baseadas em contradições de classes, [...] mesmo as não capitalistas, [pois] o marxismo pode contribuir para iluminá-las de alguma forma [...] na medida em que se apresenta como] instrumento útil, para analisar sociedades estratificadas em classes que tenham um Estado, que tenham exploração do trabalho, que tenham divisão do trabalho (PAULA, 1992, p. 20-21).

O Materialismo Histórico fundamentado no “complexo pensamento de Marx, que abrange tantas áreas, foi adaptado a variadas situações concretas e a diversas correntes teóricas”. Lênin, por exemplo, enquanto fundador do Partido Comunista na Rússia, respaldado pelo referencial

analítico de Marx e de Engels, e na linha de frente do partido, conduziu a primeira revolução socialista mundial. Ele “confiava muito na capacidade de os intelectuais e as vanguardas operárias conduzirem a revolução, mais do que nos movimentos sociais de massa. Por isso valorizava a formação dos chamados quadros dirigentes”. Na consolidação do Materialismo Histórico, novos atores se faziam presente e com isso novos valores se agregavam ao referencial analítico. Assumindo uma postura contrária de Lênin, “a polonesa Rosa Luxemburgo desenvolveu um intenso trabalho de formação popular, apostando na criatividade e na espontaneidade da classe trabalhadora na condução da revolução democrática” (GADOTTI, 1991, p.88).

Marx, ao lançar bases na construção de sua Teoria Social, sempre reforçou a importância de princípios humanistas. Entretanto, depois de Lênin, as ideias marxistas na Rússia tomaram rumos que contrariaram tais princípios. Josef Stálin, por exemplo, governante da Rússia de 1922 até sua morte, foi um dos responsáveis pelo enterro dos ideais democráticos de Lênin (GADOTTI, 1991).

A presença do autoritarismo dentro do regime socialista nunca foi defendida por Marx e ao criticar as ilusões do liberalismo jamais negou os princípios e as conquistas da democracia burguesa. Para Marx, o socialismo era o verdadeiro herdeiro da tradição democrática e humanista. O filósofo não pretendia que fossem abolidas as instituições burguesas, substituindo-as todas. Ele esperava que os trabalhadores pudessem controlá-las e, em seguida, mudá-las (GADOTTI, 1991).

No Materialismo Histórico, existem teses consideradas centrais e que atualmente são amplamente discutidas como, por exemplo, “a necessidade de se valorizar a iniciativa pessoal e a importância do papel do indivíduo”. Fala-se inclusive em humanismo marxista. Para reforçar este aspecto deste referencial analítico, contou-se com a contribuição de Antonio Gramsci, fundador do partido comunista italiano, grande intelectual, considerado como Lênin do Ocidente (GADOTTI, 1991).

Gramsci analisou profundamente as relações entre sistema econômico, ou seja, a infraestrutura e cultura, ou superestrutura, que reúne as ideias, manifestações artísticas, sistema educacional, jurídico (GADOTTI, 1991).

Marx havia colocado o peso das transformações sociais sobre o desenvolvimento dos modos de produção. Já Gramsci deu novo valor ao papel da cultura e da educação como elementos decisivos na transformação da sociedade. Também deu um sentido progressista à reflexão teórica, valorizando o intelectual quando se engaja na luta pela transformação da sociedade (GADOTTI, 1991, p.92).

Ainda com relação à consolidação do aspecto humanista no Materialismo Histórico, tem-se outra contribuição igualmente importante, que foi dada pela Escola de Frankfurt, na Alemanha, que a partir da década de 30 lançou uma visão própria do marxismo. Um dos representantes desta Escola foi Jurgen Habermas, considerado como um dos maiores filósofos

do nosso tempo (GADOTTI, 1991).

Gradativamente, o marxismo foi adquirindo espaço dentro das Universidades, principalmente na Europa chegando a manter cursos regulares sobre a temática e a respeitabilidade acadêmica ia se consolidando e se ampliando (SOUZA; SECCO, 2009).

De acordo com Konder (1981a) Marx elaborou as bases da vasta concepção do homem e do mundo. Por força das condições em que viveu e em virtude da urgência das tarefas que se impôs, não pode desenvolver suas ideias no que concerne aos diversos planos da atividade humana, concentrando-se no exame dos problemas econômicos, sociais e políticos. Sua contribuição à história da cultura ultrapassou os limites da economia, sociologia e política a obra de Marx revela uma espantosa vitalidade quando a confrontamos com as mais variadas questões da época presente.

Portanto, considerando a evolução histórica percebe-se que o Materialismo Histórico enquanto referência analítica é fundamental no âmbito das ciências sociais, sendo que sua riqueza, fecundidade e vivacidade permanecerão sempre presentes quanto mais “fiel à sua base dialética, permanecer como perspectiva teórica aberta” (CARVALHO, 1992, p.63).

2.2 Investigando à luz do Materialismo Histórico

A investigação respaldada por este referencial analítico considera o homem como sujeito de sua própria história, enfatizando que a realidade social é transformável porque construída pelos próprios homens, podendo, portanto ser mudada também por eles, através da práxis entendida como ação projetada, refletida, consciente e transformadora.

A noção de conjuntura, bem como o conceito de contradição, deve acompanhar o pesquisador que se norteia pelo Materialismo Histórico, pois representam aspectos importantes a ser analisados dentro do contexto não estático, não subordinado a lei de causa e efeito.

O método de pesquisa que se respalda em Marx, consiste em ir do abstrato ao concreto, ou seja, das categorias ao conjunto histórico singular das categorias abstratas para progressivamente reencontrar a totalidade concreta (ARON, 2008).

A palavra método é “de origem grega que significa caminho. O método dialético parte da ideia de que a realidade está em constante transformação, em contínuo movimento” (GADOTTI, 1991, p.59). Marx construiu sua própria dialética tanto para embasar seu método de investigação, quanto seu método de exposição. Portanto, o que segue é uma reflexão da dialética embasada na vertente Marxista (CARVALHO, 1992; PAULA, 1992).

Para Konder (1981, p.174)

[...] a dialética parte do reconhecimento do fato de que o processo de autocriação do homem introduziu na realidade uma dimensão nova, cujos problemas exigem um enfoque também novo. O terreno em que a dialética pode demonstrar decisivamente aquilo de que é capaz [...] é o terreno da análise da história humana, o da transformação da sociedade (KONDER, 1981b, p. 174).

O movimento dialético da história é tema central do Materialismo Histórico, e por movimento dialético entende-se que o homem ao produzir seus meios de subsistência, através do seu trabalho, transforma duas realidades: a natureza exterior e a si próprio. Portanto, a dialética materializa as relações estabelecidas entre a realidade que se apresenta concretamente e o pensamento elaborado a partir dessa realidade (ARON, 2008; KONDER, 1981b).

Para Konder (1981a), a dialética expressa a maneira de pensar elaborada em função da necessidade de reconhecer a constante emergência do novo na realidade humana e na atualidade, o termo significa modo de pensar as contradições da realidade e de compreendê-la como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Entretanto, dialética não significa prioritariamente expressão da intervenção humana ou do pensamento humano. Ela se expressa também enquanto característica nata, própria da realidade natural. A natureza possui em sua estrutura características fundamentais que se encontram em contínua transformação. A realidade natural é dialética porque está em movimento, porque as coisas se tornam, porque nascem e acabam (ARON, 2008).

Segundo Paula (1992) no seu método de investigação, Marx abriu-se a todas as possibilidades existentes ao seu alcance. Para apreender e capturar os dados empíricos utilizou-se de todos os caminhos e os considerava legítimos. Na investigação, Marx não fez uso de regras rigorosas fundamentadas nos princípios da dialética, ele se apropriou de todos os instrumentos, trabalhou com estatísticas e relatórios oficiais, com literatura disponível secundária e primária, com o romance e com a poesia. Enfim, com tudo. Todos os instrumentos que achava importante para dar conta da realidade, ele os utilizou de alguma forma. Tudo era fonte de informação para compreensão daquele mundo que queria analisar. Só que ele organizou isso de uma determinada forma.

Quanto ao método de exposição, o rigor foi assumido com veemência. A forma de expor, de compreender, de organizar as informações coletadas, de fazer a conexão entre os dados empíricos e de organização desse material obedeceu critérios rigorosíssimos, baseados na exposição dialética. Marx não trilha pela cronologia dos fatos e por nenhum dos pressupostos da teoria econômica convencional. Esse comportamento de Marx reflete uma opção expositiva radical e decisiva para explicar e apresentar à sociedade a maneira como ele compreende a realidade. A exposição das informações coletadas da forma como se apresentam, pode ganhar aparência desconexa, desorganizada e amorfa (PAULA, 1992).

Para Paula (1992) em decorrência dessa preocupação, Marx transformou o empírico imediato numa exposição rigorosa, capaz de dar conta do movimento concreto que este empírico esconde. Porque o empírico não expressa o real. Ele é um momento do real, uma dimensão do real, mas não

é o real propriamente dito. Para dar forma compreensiva para esse real, é preciso organizá-lo. E a organização disso tem que seguir princípios rigorosos. E esses princípios, no caso de Marx, são os princípios da dialética, no qual o mecanismo expositivo fundamental está baseado na ideia da passagem da totalidade simples para complexa. Usando a analogia da semente para a planta, para a árvore. O fundamental é entender que já na semente, sob a forma de semente, todo o fundamental dessa árvore já está contido, está posto, ou está pressuposto.

Portanto, quando se pretende percorrer por um caminho investigativo à luz do Materialismo Histórico convém considerar alguns *instrumentos* que o caracteriza. Lembrando-se que tais instrumentos longe de se enquadrarem numa rígida e hermética fórmula, apresentam-se na verdade como possibilitadores e como alternativas de melhor apreensão do dinamismo do objeto investigado.

Os instrumentos consistem em cinco *Princípios*, ou por assim dizer leis, bem como por três *Categorias*, ou seja, noções explicativas.

2.3 Os cinco princípios do Materialismo Histórico: tudo se relaciona, ação recíproca, tudo se transforma, unidade e luta dos contrários e passagem da quantidade à qualidade

O primeiro princípio que se pede levar em consideração é o *princípio do tudo se relaciona*. É essencialmente importante partir da noção de que nenhuma circunstância, ideia, postura, nenhum fato, contexto, comportamento, fenômeno pode ser compreendido isoladamente como se adquirisse vida própria não influenciando ou não se deixando influenciar por outras dimensões, outras realidades que direta ou indiretamente lhe são próximas. Todas as variáveis citadas devem ser compreendidas a partir de seu vínculo indissolúvel com o contexto do qual faz parte e sempre integradas a outros fatores (GADOTTI, 1991).

De acordo com Pontes (1989) a aproximação dialética no conhecimento da singularidade não pode ocorrer separadamente das suas múltiplas relações com a particularidade e com a universalidade é necessário lembrar que no âmbito da particularidade tem-se uma universalidade relativa face ao singular e uma singularidade relativa face ao universal. Assim sendo, compreende-se que o fim de um processo é sempre começo do outro, no qual aspectos da natureza e da realidade prendem-se por laços necessários e recíprocos, encontrando-se sempre em via de se transformar e se desenvolver.

O segundo princípio a ser relevado é o *princípio da ação recíproca*. Depois de se compreender com maior riqueza de detalhes e com maior profundidade de conhecimento a realidade particular, levando em consideração seu aspecto imediato e mediato, é hora de partir em direção de uma nova etapa no processo de apreensão de seu significado. O segundo passo nessa análise é pensar o particular dentro do universal, ou seja, é chegado o momento de se contextualizar o objeto

da pesquisa, de emoldurá-lo numa conjuntura maior do qual faz parte.

Para Gafotti (1991, p.61) “pensar o universal possibilita entender melhor determinada situação particular”; e ainda; permite se compreender que entre ambos existe relação de reciprocidade, de influência recíproca.

O terceiro princípio a ser enfatizado é o *princípio do tudo se transforma*. Compreender isso é muito importante. Marx considera a história como processo temporal e não como realidade morta. A história se modifica com a satisfação das necessidades humanas nessa dialeticidade o homem também transforma o seu ser, o seu modo de ser (SETUBAL, 1991).

Todas as coisas implicam em processos de mobilidade, transformação e desenvolvimento. Entende-se com isso que toda extensão das coisas é relativa e limitada, mas seu movimento é algo absoluto e certo. Nada é definitivo, a mudança é inerente a todas as coisas, o desenvolvimento é incessante.

A realidade encontra-se em contínua mudança e nada em seu interior é imutável ou permanente. O sentido da mudança está sempre presente constituindo-se como força criadora sendo que, o marxismo entende que a realidade tem a possibilidade de vir a ser o que ela ainda não é porque é inacabada (GADOTTI, 1991).

O quarto princípio diz respeito à *unidade e luta dos contrários*. Considera-se que tudo tem seu lado positivo e negativo, onde a luta do antigo com o novo se faz de maneira continuada. A contradição ocorre interna e externamente gerando movimento e desenvolvimento, configurando-se como um elemento insuprimível da realidade (KONDER, 1981b).

Para Konder (1981, p.173) esse princípio reforça que:

[...] tudo tem a ver com tudo, os diversos aspectos da realidade se entrelaçam e, em diferentes níveis, dependem uns dos outros, de modo que as coisas não podem ser compreendidas isoladamente, uma por uma, sem levarmos em conta a conexão que cada uma delas mantém com coisas diferentes. Conforme as conexões (quer dizer conforme o *contexto* em que ela esteja situada) prevalece, na coisa, um lado ou o outro da sua realidade (que é intrinsecamente contraditória). Os dois lados se opõem e, no entanto, constituem uma unidade.

Quando se procura conhecer determinada realidade, supera-se temporariamente a contradição na medida em que se adquire conhecimento a respeito dessa realidade (GADOTTI, 1991).

Segundo Konder (1981b) a dialética não pensa o todo negando as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo. Ela pensa tanto as contradições entre as partes como a união entre elas. Assim, existem aspectos da realidade humana que não podem ser compreendidos isoladamente. Para entendê-los, é preciso observar a conexão íntima que existe entre eles e aquilo que eles não são. Não é possível afirmar ao mesmo tempo que determinado objeto é redondo e é quadrado. “Mas devemos dizer que o mais só se define com o menos, que a dívida só se define pelo empréstimo” (KONDER, 1981b,

p.167). As conexões íntimas que existem entre realidades diferentes criam unidades contraditórias.

Constata-se, também, que ao conhecer determinados assuntos, deixa-se de compreender outros. Com isso, aumenta a certeza de que existe uma vasta gama de conceitos a ser desvendados, pois quanto mais se conhece, maior se torna a consciência da ignorância que se tem. Essa unidade e luta dos contrários se desenvolve no tempo. A força nova que surge, e que é criadora, se desenvolve no interior das velhas estruturas (GADOTTI, 1991).

Segundo Konder (1981b) Marx chama de unidade na adversidade o fato da realidade concreta ser constituída pela síntese de várias determinações diferentes considerando que o conhecimento não é um ato e sim um processo. Construir o conhecimento enquanto processo, significa utilizar-se do método dialético que requer paciente trabalho de identificar, com esforço, gradualmente, as contradições concretas e mediações específicas que constituem o tecido de cada totalidade, que dão vida a cada totalidade (KONDER, 1981b).

O quinto princípio a ser compreendido é o princípio da passagem da quantidade à qualidade. O Materialismo Histórico considera a realidade em contínua transformação. Porém esse princípio mostra que nem todas as mudanças têm o mesmo valor porque a história humana se transforma por meio de pequenas mudanças quantitativas, que se acumulam (GADOTTI, 1991).

As mudanças não ocorrem no mesmo ritmo, sendo que os processos de transformações passam muitas vezes por períodos lentos nos quais se sucedem pequenas alterações quantitativas e por períodos de aceleração que dão origem a alterações qualitativas. As modificações que se percebe são representadas por pequenas ações que gradualmente vão se somando até chegar a um ponto de ruptura, no qual o antigo é substituído pelo novo. A modificação do todo só se realiza após o acúmulo de mudanças nas partes que o compõem. Processam-se alterações setoriais, quantitativas, até que se alcança um ponto crítico que assinala a transformação qualitativa da totalidade, sendo que a modificação do todo é mais complicada que a modificação de cada um dos elementos que o integram; e ainda cada totalidade tem sua maneira diferente de mudar (KONDER, 1981b).

Conceituar desenvolvimento significa falar de acumulação gradual de alterações que em si não representam um processo mecânico, podendo também ser marcado por momentos de crise. Outras vezes compreende-se desenvolvimento como passagem das mudanças quantitativas insignificantes e latentes para mudanças qualitativas, onde não é possível separar a quantidade da qualidade e vice versa. Isso remete a consideração de evolução enquanto realidade quantitativa e revolução enquanto aspecto qualitativo. E, ainda, tais realidades não ocorrem somente “na história pessoal, mas na natureza, na sociedade e na história coletiva” (GADOTTI, 1991, p.63).

2.4 As três categorias do Materialismo Histórico: totalidade, mediação e contradição

Segundo Gadotti (1991), a primeira categoria denominada *categoria de totalidade*, permite que se compreenda melhor o princípio do *tudo se relaciona*. Os fatos que acontecem no mundo são parte de um todo, são aspectos parciais da realidade totalizante. Portanto, é necessário que se tenha percepção ampla, visão geral que permita avaliar e reconhecer a relevância de cada parte a contemplar o todo, o geral. Acrescenta-se a isso o fato de que a totalidade é mais ampla do que a simples soma das partes que a constituem porque os elementos individuais assumem características que não teriam se estivessem fora do conjunto.

De acordo com Konder (1981b, p.178) é a categoria da totalidade que “permite à dialética enxergar, por trás da aparência das coisas, os processos e inter-relações de que se compõe a realidade, permitindo que se veja no real um jorrar ininterrupto de novidade qualitativa”.

O método dialético dentro do Materialismo Histórico reconhece que todo e qualquer saber é totalizante e que a ação dos homens também é considerada como um processo de totalização, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada, pois a totalidade é apenas um momento do processo de totalização. Por isso, a apreensão do todo, do coletivo, qual seja a visão de conjunto apresenta-se continuamente como provisória e nunca pode pretender esgotar a realidade a que ele se refere, porque a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que se tem dela (KONDER, 1981b).

Ainda de acordo com Konder (1981b, p.160)

Qualquer objeto que o homem possa perceber ou criar é parte de um *tudo*. Em cada ação empreendida, o ser humano se defronta, inevitavelmente, com problemas interligados. Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano precisa ter uma *visão de conjunto* [...] Foi [isso] que Hegel sublinhou quando escreveu: ‘A verdade é o todo’. Se não enxergamos o todo, podemos atribuir um valor exagerado a uma verdade limitada [...] prejudicando a nossa compreensão de uma verdade mais geral.

Segundo Setubal (1991, p.121) para Marx, é possível atingir a totalidade na medida em que se realiza uma análise acurada do todo. Segundo ele, essa totalidade “é dinâmica, [...] orgânica, viva” não podendo ser vista “como produto, como resultado final, ou pelas diferentes fases do seu desenvolvimento, mas sim pelo conjunto desses momentos”.

Nessa mesma direção, Pontes (1989) sinaliza que a totalidade se constitui em um todo concreto, dinâmico, diferenciado, estruturado e histórico. Portanto, a relação das partes com o todo, no bojo da totalidade concreta, não pode ser resumida a mera articulação (partes-todo-partes), mas sim, deve-se percebê-la como uma relação diferenciada, hierarquizada; há partes com relações mais ou menos importantes face ao todo; e ainda a totalidade concreta, ultrapassa a estreita concepção de totalidade como soma das partes.

Portanto, a totalidade é mais do que a soma das partes

que a constituem sendo que há totalidades mais abrangentes e menos abrangentes: as menos abrangentes fazem parte das outras; e a escolha delas depende do nível de generalização do pensamento e dos objetivos concretos do pesquisador (KONDER, 1981b).

A segunda categoria a ser utilizada leva ao entendimento daquilo que ocorre dentro do mundo totalitário, ou ao menos permite que haja uma aproximação maior com o objeto de pesquisa. Trata-se da categoria da mediação. O uso dessa categoria possibilita ultrapassagem das aparências consideradas como aquelas imediatamente visíveis, para que se possa realizar uma leitura das intenções, daquilo que permeia fatos ou situações, e ainda, adentrar no contexto e ver o que está por trás daquilo que se mostra (GADOTTI, 1991). Para Marx, vive-se num mundo no qual as aparências encobrem as essências, em que o aparente não é o real, a aparência está toldando a compreensão do verdadeiro significado, das verdadeiras motivações, das determinações do mundo. A forma de furar a aparência, de penetrar no mundo de aparências que encobrem essências, é através da visão de mundo, dessa ideia de que o mundo não se põe de forma transparente (PAULA, 1992).

A categoria da mediação permite que se chegue à essência, em outras palavras, que se dilua o espaço existente entre fenômeno, aparência e essência. Portanto, mediações são processos de passagens entre o universal e o singular e vice versa (PONTES, 1989). Quando se observa uma bolsa, à primeira vista o que se vê logo de imediato é seu tamanho, sua cor e o material de que é feita como, por exemplo, tecido, couro, etc. Isso ocorre porque a realidade que se aparece manifesta o imediato e oculta o mediato (GADOTTI, 1991).

O mediato no caso da bolsa seria aquilo que está por trás, aquilo que não se vê, mas que se sabe que existe ou existiu, por exemplo, o processo pelo qual o tecido ou o couro teve de passar antes de se transformar em bolsa e também o trabalho que uma pessoa realizou para que as matérias primas (couro, fivela, zíper, tinta para colorir o couro, linha, agulha enfim) se transformassem no objeto denominado bolsa.

Para alcance de uma compreensão mais próxima do real, é imprescindível que se leve em conta as dimensões imediato/mediato, que não são separadas, mas acontecem numa unidade em que se interpenetram. Em suma, a apreensão do real com todas as suas particularidades exigem a construção de sistemas de mediações (PAULA, 1992).

Para que o nosso conhecimento avance e o nosso laborioso (e interminável) descobrimento da realidade se aprofunde – quer dizer: para nós podermos ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos – precisamos realizar operações de síntese e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também, e, sobretudo, a dimensão mediata delas (KONDER, 1981b, p.166).

É preciso tomar conhecimento dos diferentes processos a que uma realidade, fenômeno ou pessoa são submetidos para se poder analisar de forma mais coerente seu significado. É

também igualmente importante contextualizar a época em que a referida realidade, fenômeno ou pessoa está sendo estudada (GADOTTI, 1991).

Para Konder (1981b, p.166) em todos os objetos com os quais lidamos existe uma dimensão imediata, imediatamente percebida e uma mediata que se vai descobrindo, construindo ou reconstruindo aos poucos. Isso se confirma em Marx na fala apresentada por Setubal (1991) quando afirma que Marx vai além do imediatismo apresentado à primeira vista.

E nesse ir além, o fato de se fazer perguntas também muito contribui para o alcance do conhecimento desejado, como reforça Barreira (1992) num ato de investigação, é importante introduzir o porquê, perguntar sobre o que parece bastante óbvio, pois o que parece óbvio às vezes não é. E é o que não parece óbvio que lança a possibilidade de outro ângulo de olhar, e isso faz avançar a própria teoria, porque a teoria avança por interrogações.

A terceira categoria a ser trabalhada possibilita melhor compreensão do princípio do tudo se transforma. Trata-se da categoria da contradição. Com ela, o entendimento “daquilo que é (tese) com aquilo que ainda não é (antítese), mas que poderá vir a ser (síntese)” (GADOTTI, 1991, p.62) torna-se um pouco mais claro. Considera-se tese um conceito, uma ideia, um ponto determinado de partida, de saída. A antítese é uma negação, mas não no sentido de afastamento, mas sim no sentido de questionamento, significa, portanto questionar, ir a fundo ao conhecimento da tese. Quando se faz conexão entre tese e antítese chega-se a síntese. A antítese é a primeira negação que se coloca na posição de não aceitação e questionamento. A síntese é a segunda negação que ao se colocar na posição de não aceitação busca a compreensão. Entendido isso, compreende-se então que esse processo não significa negação da tese, mas busca da verdade (ARON, 2008; GADOTTI, 1991; PAULA, 1992; PEREIRA, 1990).

Para Konder (1981b, p.173)

[...]o movimento geral da realidade *faz sentido* [...], não é absurdo, não se esgota em contradições irracionais, ininteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: tanto a afirmação quanto a negação é superada e o que acaba por prevalecer é uma síntese, é a *negação da negação*.

De acordo com Gadotti (1991, p.62) “a contradição mostra que o inacabado é fundamento da transformação: ela é o princípio básico do movimento que permite aos seres existirem e se modificarem”. Existem no interior da realidade, inúmeras contradições que são continuamente “superadas por novas contradições, num permanente movimento de superação e substituição que faz com que a humanidade caminhe”.

Portanto, finalizadas as reflexões acerca dos princípios e categorias, considerados como *instrumentos* do Materialismo Histórico, ressalta-se que aquilo que se apresenta como original e específico neste modelo de trajetória interpretativa é a maneira com que Marx descreve a oposição que existe

entre essência e aparência de toda e qualquer realidade que se coloca como objeto de estudo ao pesquisador (ARON, 2008).

2.5 Caminhos metodológicos que respaldam os processos investigativos dos profissionais que se utilizam dos conceitos do Materialismo Histórico

O Materialismo Histórico enquanto referencial analítico possui “características essenciais” que são a “crítica e a autocrítica”, no sentido de que ao investigar uma dada realidade, o pesquisador deve também se colocar na disposição de “rever as interpretações em que se baseia” para tal investigação. Essas características contribuem para que “o método dialético nos incite a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente, questionando o presente em nome do futuro” (KONDER, 1981b, p.187-188).

Portanto, em face da afirmação acima, considera-se que as respostas profissionais as mais diferenciadas situações podem partir da sustentação da análise do real pela Teoria Social que foi se apresentado como caminho essencial para a construção do conhecimento crítico referido à totalidade da sociedade (SPOSATI, 2007).

Nessa direção, o Materialismo Histórico traz contributos para as pesquisas de natureza básica, as quais se voltam para a geração de novos conhecimentos objetivando adensar e contribuir para o desenvolvimento de conceitos ligados às áreas das ciências sociais aplicadas. Além disso, quando a opção do pesquisador, quanto à forma de abordagem do problema, se caracteriza como investigação qualitativa se reconhece ainda mais a relevância dos conceitos que emergem do Materialismo Histórico, na medida em que este vem a contribuir com uma abordagem qualitativa que essencialmente busca valorizar a percepção “das relações e das interpretações dos diferentes atores sobre o processo, visando a compreender os sentidos e as contradições das ações e os contextos onde se desenvolvem as intervenções” (MINAYO *et al.* 2010 p.96).

Em geral, do ponto de vista dos objetivos, quando uma pesquisa que se caracteriza como exploratória e descritiva verifica-se igualmente o quanto este referencial analítico de Marx, também denominado Teoria Social Crítica, é capaz de fornecer embasamentos teórico-metodológicos para a observação, registro e análise dos fatos que ocorrem na realidade, bem como contribuir para que o pesquisador possa descrever os fenômenos que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fatos no contexto social, aprofundando a compreensão da realidade estudada.

Na medida em que o pesquisador faz a opção por procedimentos técnicos, como pesquisa participante ou etnográfica, por exemplo, poderá verificar o quanto o referencial do Materialismo Histórico favorece a busca pelo conhecimento no interior do próprio contexto onde os fatos e indivíduos se encontram.

Dos instrumentos para coleta de dados, a metodologia da história oral por meio da modalidade narrativa onde se parte das próprias falas dos sujeitos da pesquisa e ainda do

uso da técnica denominada entrevista semiestruturada, a qual contribui para delimitar e conduzir o direcionamento dos dados a serem coletados, pois permite que se utilize de um roteiro com questões previamente definidas e acréscimo de novas e, conforme necessidade, se configurem igualmente como importantes aportes metodológicos quando o pesquisador se pauta pelo referencial analítico do Materialismo Histórico.

3 Conclusão

Conclui-se, portanto, que toda e qualquer teoria, além de possibilidades e potencialidades é dotada igualmente de limitações. E esta certeza aponta para o desafiante compromisso de construir caminhos interdisciplinares também no campo das reflexões teóricas, entendendo que teoria é também acumulativa e aberta à criação por parte das novas gerações.

A revisão de literatura sobre o Materialismo Histórico, também reconhecido como Teoria Social Crítica, permitiu compreender tal referencial teórico como possibilitador de uma leitura do social, capaz de enfatizar a compreensão de todos os movimentos que ocorrem dentro da sociedade, bem como a relação entre eles porque seu potencial analítico é expressivo e as contribuições que Marx deixou para a comunidade científica são incontáveis. Além disso, o mérito do pensamento que originou o Materialismo Histórico encontra-se também no fato de permanecer presente na arena política e intelectual, não obstante o passar as décadas.

Outra questão a destacar é que se percebeu através desse estudo que a literatura a respeito do Materialismo Histórico é ainda pouco conclusiva. Embora não se possa negar a importância de seu desenvolvimento até os dias atuais, é conveniente registrar que mesmo para Marx nunca houve pretensão de sua parte em esgotar o assunto até porque todas as suas análises focavam o modo de produção capitalista e enquanto tal sistema existir, este referencial analítico permanecerá em contínua evolução.

Portanto, quando se faz a opção pela utilização dos conceitos do Materialismo Histórico, o trilhar pelos caminhos da busca do conhecimento e o responder as indagações que se apresentam ao pesquisador, ocorrem imersos no reconhecimento de que as realidades sociais se configuram processos abertos e transitórios. Nesse sentido, torna-se indispensável aos profissionais que se propõem a estudar os aspectos que envolvem a vida em sociedade, voltar seu olhar crítico e analítico para a compreensão do contexto enquanto em contínuo movimento.

Assim, finalizadas as referidas reflexões, convém reforçar que a trajetória empreendida nesse artigo demanda estudos contínuos dado ao caráter inacabado a que toda e qualquer

Teoria encontra-se sujeita. Além do que as exigências históricas igualmente determinam uma ação continuada de ampliação conceitual. Ademais, longe da pretensão de esgotar o assunto, acredita-se que esta proposta de revisão de literatura possa despertar novos esforços teóricos nesta direção, conscientes de que tal referencial analítico apresenta-se em contínua edificação.

Referências

- ARON, R. *O marxismo de Marx*. São Paulo: Arx, 2008.
- BAPTISTA, M.V. A produção do conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no Serviço Social. In: Cadernos ABESS-CEDEPSS, n.5, p.84-95, maio 1992.
- BARREIRA, I. A pesquisa no debate contemporâneo e o serviço social. Cadernos ABESS-CEDEPSS, n.5, p.70-83, 1992.
- BARROCO, M.L.S. *Ética e serviço social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BORCHARDT, J. *Karl Marx o capital*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- CARVALHO, A.M.P. A pesquisa no debate contemporâneo e o serviço social. *Cadernos ABESS-CEDEPSS*, n.5, p.43-66, 1992.
- GADOTTI, M. *Marx: transformar o mundo*. São Paulo: FTD, 1991.
- GOUVÊA, G.F.P. A idéia de progresso e a explicação nas Ciências Sociais. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v.12, n.35, p.134-153, 1991.
- KONDER, L.A.M.C. *Marx: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981a.
- KONDER, L.A.M.C. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981b.
- MINAYO, M.C.S. *et al.* Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p.71-103.
- PAULA, J.A. A produção do conhecimento em Marx. Cadernos ABESS-CEDEPSS, n.5, p.17-42, 1992.
- PAULO NETTO, J. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PEREIRA, O. *O que é teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PONTES, R.N. A propósito da categoria de mediação. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v.10, n.31, p.5-25, 1989.
- SARMENTO, H.B. M. Ética e serviço social: fundamentos e contradições. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v.14, n.2, p.210-221, 2011.
- SETUBAL, A.A. *Hegel e Marx: duas concepções para entendimento de práxis*. *Revista Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v.12, n.35, p.103-133, 1991.
- SOUZA, L.E.S.; SECCO, L. *Marx da economia à revolução*. São Paulo: LCTE, 2009.
- SPOSATI, A. Pesquisa e produção de conhecimento no campo do Serviço Social. *Revista Katálysis*. Florianópolis: Edefsc, v.10, p.15-25, 2007.